

ESTUDOS DE CASO DO USO DA IMAGEM NA GUERRA PSICOLÓGICA DE ESPECTRO TOTAL

Autora: Débora Sulzbach de Andrade (Graduanda de Relações Internacionais/Bolsista de Iniciação Científica)

Orientador: José Miguel Quedi Martins (UFRGS)



pro:pesq

Pró-Reitoria de Pesquisa - UFRGS



WHY WE FIGHT A SERIES OF SEVEN INFORMATION FILMS

THE DALLAS JOURNAL

City Edition

FURY OF BLITZKRIEG CARRIES GERMAN SOLDIERS 60 MILES SOUTH INTO GREECE

Propose U. S. Protection of Arms Ships as Far as Iceland

War Forces Run to Work

Nazi Hammer Blows Break Allied First Line Defenses

Who Else But Little Flower?

Four Killed, Seven Shot In Mine Union Battle

British Forces



OBJETIVOS

O propósito da pesquisa foi o de investigar o uso da imagem em três guerras e meios audiovisuais distintos: (i) a Segunda Guerra Mundial e a utilização do cinema; (ii) a Guerra do Golfo e a televisão; e (iii) o Estado Islâmico e a internet.

O principal objetivo da comparação foi o de verificar se a despeito das distintas épocas e meios audiovisuais era possível estabelecer um denominador comum acerca do papel cumprido pela imagem na guerra.

HIPÓTESE

A principal hipótese do estudo foi a de que a despeito das diferenças de tempo e mídia, a função atribuída à imagem foi recorrente em dois aspectos: (i) projetar uma ideia de invencibilidade, invulnerabilidade e de triunfo inexorável e (ii) demonstrar a futilidade, até mesmo o crime, de oferecer qualquer tipo de resistência ao projetado como inevitável.

DESENVOLVIMENTO

(i) Na Segunda Guerra Mundial, identificou-se a primeira dimensão do “choque” na blitzkrieg e do “pavor” nos bombardeios sobre civis em cidades como Varsóvia e Roterdã. O emprego do terror sobre cidades foi amplamente divulgado por Goebbels através de documentários de guerra veiculados no mundo todo. A mensagem visava a dois públicos: aos militares, demonstrar a invencibilidade da Wehrmacht e a futilidade da resistência em batalha; aos civis, acenar com a destruição e a perda de tudo que lhes era mais caro (lares e entes queridos). (ii) Na Guerra do Golfo de 1991, que se constituiu como uma versão hodierna da blitzkrieg, a televisão selecionou cuidadosamente os ingredientes que ilustravam o poder inexorável da coalizão. Nesta, o “choque” ficou por conta da guerra em rede (“de apertar botões”) e o “pavor” pode ser materializado no assassinato seletivo, mas deliberado, das famílias dos membros da alta hierarquia do Baath iraquiano (Bunker de Amiriyah, 408 mortos). Mesmo antes do início das operações militares, veiculou-se imagetivamente o montante de recursos deslocados para o Kuwait na operação Escudo no Deserto. Depois, assombrou-se o mundo com a rapidez com que se venceu a quarta maior força militar do mundo em 100 horas. Tomando o lugar dos bombardeios de terror da IIGM, tiveram lugar as “operações baseadas em efeitos”. Nessas duas dimensões, a inexorabilidade é expressa no choque e o confronto com a possibilidade da perda do que é mais caro do que a própria vida é o que engendra o pavor. Esta perspectiva foi sistematizada por Harlan K. Ullman no livro “Choque e Pavor”. (iii) Por fim, fez-se um esforço de assimilar a experiência relativamente recente do Estado Islâmico (EI), surgido do vazio de poder criado pela longa guerra no Iraque. Neste caso, o “choque” é projetado através da crença de que estes terroristas representam todo o islã e, portanto, terão de triunfar no Oriente Médio. O “pavor”, mais facilmente identificável, traduz-se nas execuções coletivas, imolações e degolas veiculadas online. Em suma, o EI utiliza-se das imagens, divulgadas através da internet, para atingir simultaneamente todas as regiões do mundo, em esforço análogo ao empreendido em outras épocas pelos documentários de guerra (cinema e televisão).

CONCLUSÕES PRELIMINARES

Recentemente, a literatura de Estudos Estratégicos (Strategic Studies) identificou uma nova forma de se fazer guerra caracterizada pelo uso militar de recursos não-militares (Thomas Hammes). Entre estes, sobressai-se o papel reservado às imagens que, na percepção de Richard Szafranski, plasmam a percepção da vitória ou derrota. Nesse sentido, a perspectiva mais instigante talvez seja a oferecida por John Boyd, para quem a vitória dependeria, em sua essência, da quebra da moral do adversário e de sua incapacitação cognitiva. A pesquisa é incipiente e ainda necessita de novos levantamentos bibliográficos e fichamentos. Ademais, há como se beneficiar de trabalhos já existentes na casa, no caso da Guerra Psicológica de Espectro Total, desenvolvida como TCC do curso de Relações Internacionais por João Gabriel Burmann, que teve contribuições significativas para este trabalho. Em todo caso acredita ter-se obtido algum grau de êxito na associação das formas tradicionais de fazer a guerra (3ª e 4ª geração) identificadas com as características típicas da 5ª geração. Espera-se que, com a mediação da sistematização de Harlan K. Ullman, se tenha conseguido ilustrar a continuidade entre a blitzkrieg, a guerra centrada em rede e a campanha atualmente desenvolvida pelo Estado Islâmico.

REFERÊNCIAS

- BOYD, John. **Patterns of Conflict**. Apresentado pela primeira vez em 1986. Disponível em: <<http://www.ausairpower.net/JRB/poc.pdf>>.
- COSTA, J. G. B. **Boyd e Szafranski : elementos de estudo da guerra psicológica de espectro total**. Trabalho de Conclusão de Curso: UFRGS/FCE/Relações Internacionais. Porto Alegre: 2014.
- HAMMES, Thomas. **Fourth Generation Warfare Evolves: fifth emerges**. Military Review, 2007.
- SZAFRANSKI, Richard. **Fighting Stupid, Defending Smart**. Aerospace Power Journal, Washington, Volume XVI, nº 1. Primavera de 2002. Disponível em: <<http://www.au.af.mil/au/afri/asj/airchronicles/apj/apj02/spr02/szafranski.html>>.
- ULLMAN, Harlan K. **Shock and Awe: Achieving Rapid Dominance**. Washington D.C.: Forgotten Books, 2008.

Contato: deborasulzbachdeandrade@gmail.com

Trabalho Exposto no XXVII Salão de Iniciação Científica da UFRGS
Porto Alegre, 19 a 23 de Outubro de 2015